

# Crónica | Só tento escrever...

Ainda hoje tento escrever como se para uma mãe. Teimo inseguro esperançado ladear no lápis como se uma tremura nas primeiras letras que teimam saltar para o leite e a mãe aconchegar o cabelo do filho. Por vezes posiciona o mamilo para conforto de quem dá a quem recebe. Tento só escrever uma carta contemplada com jeito sem cisma para andar atrás de pássaros nem futuros adiados como hoje, raio, ainda tendo adiar futuros! Ainda hoje progrido para essas letras. Só tento afinal escrever no que me acalenta o ontem o hoje o amanhã. Sem nunca pedir céu nem roseirais. Só tento escrever, mesmo. E sempre soube que tive mãe! Mas ainda hoje intriga-me não saber escrever-lhe... ao menos que fossem rabiscos coloridos imitando o céu uma bicicleta anjinhos de barro ou o meu signo. Nunca soube escrever a minha mãe. Por isso ainda desalento hoje. Nem nos exames da instrução primária lhe escrevi. Sabia avisado que não podia fazê-lo. Mas nesse dia pela sua mão, arremessei do estojo a caneta nova. Lembro-me do sol desse dia. Tinha peixinhos de plástico com água na tampa. Agitei-a contra a claridade eles mexerem-se como eu agitava os olhos para a mangueira enorme no caminho. Afinal estava embevecido por ir escrever tudo bem. Ou melhor, que...

- atenção nos erros evita os sonhos nas redacções e apruma-te! o exame proporcionaria esgotar a tinta à última resposta porque quase para todas as perguntas existem respostas diferentes como desenhar letras, vários peixes nas cores e formas diferentes, várias mães com vários meninos nos vários caminhos que vão dar aos mesmos sítios nos destinos mas diferentes contar orgulhoso que

a caneta nova reconhecesse outros sonhos comigo bailarem sobre os tamarindos no largo frontal da escadaria.

la pela mão de minha mãe para testar conhecimentos enquanto deixava amigos da sanzala que traziam aromas da mandioca fulgir, também óleo de palma a muamba de galinha mas baloiçavam todos como peixes na caneta nova num dia bonito na



claridade que atirava contra a cal branca do edifício hermético. Tentava esquivar-me nas pernas da mãe. Fugir, para fugir para dizer o que sei... não ir a exame mas ficar com a caneta! No cimo da escadaria o padre reitor orgulhoso do colégio que deu frutos examinados, eu querer esquadrinhar traquinices da Mutamba para correremos rápidos direitos ao banho na baía, o

Guilherme de lábio descaído mas fiska pronta para acertar no sinaleiro, o Moreira vaidoso da bicicleta que rasava curvas sem gastar pneus, o Toy dos calções rotos pardos com rolas degoladas nas patas derretidas do visco, o André do mapa e lupa mas sem bússola, todos comigo que baloiçavam na minha caneta com tinta suficiente para gastar nas respostas diferentes das perguntas em geral únicas. O padre reitor no cimo da escadaria judicioso por um buraco saído dentro das barbas

- meninos não inventem, representem bem o colégio, nada de escrever muito, mas só bem...

na minha caneta com peixinhos contra a claridade e o sol repetido na fachada de cal varar as barbas das palavras contra a minha mão, apertá-la contra várias respostas por uma única pergunta.

Subia a escadaria sem amigos mas pela mão de minha mãe. Subia de estojo na algibeira proeminente mas de caneta apertada na mão encostada ao peito. Subia de óculos e franzino de corpo e subia como para o embondeiro ou a mangueira, descalço, sem vestimentas nem emblemas na batina, ver ao cimo o padre reitor, subia para mais depressa descer mas as pernas de minha mãe espartilharem-se

- está quieto, comporta-te não esgueires o corpo olha o vestido... não erres! descer com um pingo de tinta na caneta, ir falar a minha mãe, dizer-lhe da redacção sem pergunta formal sobre as mães, descer para acreditar conseguir escrever sobre uma mãe (embora nos exames não perguntem por elas) sentir-me injustiçado na sombra da palmeira chamar o meu avô corrigir-me a letra composta

- tem maneiras, não é não erres apenas tenta esquecer o leite, estás um menino crescido, vai... eu cabisbaixo a guardar a gota da tinta na gota da lágrima escorregar na mão sobre a caneta dos peixinhos e pensar que os filhos nos exames deviam escrever sempre uma carta para as mães.